

## “às vezes me sinto tão”

por Alice Costa

### defeitos bonitos

me cobre com o céu  
da tua boca me dá  
de comer com teus cílios  
me põe  
uma roupa dourada do sol dos teus  
mamilos  
e traz  
aquele gole de destemeridade que só  
você sabe coar no pano d'os  
braços  
chacoalha  
teu queixo enquanto  
planto em ti meu sabor  
cochicha  
sobre o caminho das águas e dos  
gaviões, me diz  
qualquer coisa que eu nunca tenha tateado antes com  
os tímpanos  
e traz  
tuas lentes pra me  
fotografar o tragus e os  
defeitos bonitos de mágoa

e paixão, acontece  
na minha cama sempre que eu te chamar  
pra uivar no telhado  
e não grava  
nada do que eu te beijar  
nessa casa  
aparece  
de surpresa, segurando  
uma garrafa de gole em cada  
clavícula  
e me toma  
nos dedos e articula  
palavra  
de nó improvisado no forro  
do teto, me paga  
aquele abrir de janelas que  
'cê me deve e eu  
guardo  
na estante com minhas  
páginas, marcadores e potes  
de orégano  
e olhos bordados com finas  
agulhas  
de açúcar, penduradas  
nas antenas de transmissão dessa  
almofada  
pra deitar tua cabeça com cara  
de carta  
escrita à altura

de uma música vestida  
de pão  
que sovei com minha mão  
esquerda na última  
vez em que te vi sem saborear  
teu lago cheio  
de apitos boiando, me chama  
com eles sempre que quiser, eu vou  
me esconder  
nos teus sinos e calçar  
meus pés no teu chão  
se você  
dividir comigo as sementes  
de um pôr  
do sol mamão com folhas  
penduradas  
ao varal dos desenhos  
que meus dentes teceram  
em tuas vestes marfim.

*caleidoscopicamente*

chama-me  
como chamam os pescadores ao vento;  
olha-me  
como olham os burricos ao redor da manjedoura de cristo;  
equilibra-te

em minha superfície epitelial feito equilibrista a quinze metros e meio de altura;  
fixa-te  
à minha crista ilíaca como fixam-se

as lagartixas, em seus passeios noturnos, às vidraças e samambaias;

tentacula-me  
como tentaculam-se os polvos

e tubulárias

e águas-vivas e lulas.

regenera-te-me  
como regenerar-te-feis se estrela do mar fôsseis.

hibridifica-te-me!  
sê, de ouro e cobre, quimera  
e ala-me das tuas próprias asas arfantes  
e repousa-te,

com tuas garras, quimeramente, em meu dorso.

seja-te-me, assim, no ápice da tua impavidez, o meu dorso

simetricamente arranhado e um grito meu no colchão  
indelevelmente arraigado,  
feito afrescos faraônicos e hieroglifos de dois mil  
anos antes de cristo.

deixa-me  
tucanear atrás da tua orelha.  
já viste, tu, a delicadeza frugívora de um tucano?

pois bem,  
deixa-me.

deseja-te-me  
inteiramente feliz  
como felizes somos

ao dançarmos sós

na sala de estar, trajando um par de meias novas e coloridas e um moletom macio e nada

mais,

mirando aquele pôr do sol retumbantemente vívido por sobre todo o cimento e todo o cal da  
cidade que consegue ter tantas ou mais janelas do que as nossas próprias

almas.

o Sol segurando o horizonte com  
a sua tão vertical horizontalidade,  
e tu?, caleidoscopicamente:  
deseja-te-me.

eu desejo-me-te  
e permito

que comigo sonhes,  
cobrando-te

apenas cento e setenta e  
três mil beijos  
pelo direito de imagem;

e exijo

que me estampes rupestre,  
pós-moderna, algorítmica,  
translúcida, sonora, decimal,  
superlativa, desgravitacionalizante e impreterivelmente atemporal,

em cada página da tua oniricidade.

### miudin

o amô é coisa que se planta miudinha.

quanto mais se cuida, mais miudin vai ficando  
porque, quanto mais miudin, mais espaço tem pra crescer,  
e crescer,  
todo dia.

o amô é coisa miudinha de gigante,  
e quanto mais emiudece:

mais leve fica  
e mais cresce,  
cresce.

### tamanhos

todo dia os corpos dos astros bailam sobre as pedras  
e a água brota das pedras  
e as pedras são polidas pelo curso dos rios  
e a gente inventa que os astros começam e terminam os dias  
e a gente inventa um tipo de luz que é feita do curso das águas  
do curso forte das águas  
e será que as pedras inventam o curso dos rios,  
ou o rio inventa o corpo das pedras?

eu fico pensando no tamanho do tempo  
eu fico pensando nos caminhos do tempo  
eu fico pensando nas curvas que o tempo faz  
igualzinho aos rios  
e ao baile dos astros  
eu fico pensando nos astros  
e deixando que eles comecem e terminem os dias pra mim.

### sal das cores

chegando, o mar é verde.  
do lado de dentro, a saliva é doce.  
do lado de fora, azul, com folhas à frente.  
o sal das cores  
é pra quem sabe remar papilas.

conceito-dúvida I

a nossa noção de sensualidade é construída a partir  
da observação da natureza  
- e -  
a nossa relação direta com o feminino  
enquanto onipresença  
é uma projeção da nossa relação direta  
com a natureza enquanto corpo-entidade

diagonais

o reto é  
seco.  
ainda mais se for  
vertical.  
redondo: raro de se encontrar  
por aí.  
ondular,  
todo mundo diz que sabe  
mas eu nunca  
vi.  
e as diagonais,  
úmidas  
e cortantes -  
sê-los simultaneamente  
é exclusivo  
das diagonais.

conceito-dúvida II

decodificar ancestralidades

- é -

preparar a consciência para a emersão

de sabedorias até então latentes no inconsciente

conceito-dúvida III

a sua calma

- pode ser -

a pressa de

alguém

ponto com nó.

digo que estou bem quando a minha solidude se parece com isso.

.

eu estou bem.

.

me pareço com isso.

.

só.

.  
no encaixe das gavetas da minha coluna  
com as dobradiças da minha pele  
com os pensamentos da minha casa.

.  
trilha sonora: lonnnnga.  
folheio o movimento,  
registro algumas poucas coisas  
e uivo.

.  
corredores,  
tomadas e vasos,  
luz do sol amarelinha atravessando tudo o que se apoia e o que não se apoia ao chão.

.  
ondas de wifi e bluetooth  
atravessando tudo o que se apoia  
e o que não se apoia ao chão.

.  
luz do sol amarelinha  
silenciosa aquece os tacos de madeira riscados,  
com seus vãos preenchidos por  
pequenas  
formigas  
e ar:  
meu horário favorito do dia.

.  
paro pra existir.

.  
só  
no encaixe das gavetas  
da minha coluna vertebral.

.  
com uma música nova tocando quase que o tempo todo -  
ou com aquela música que deixei pra ouvir mais tarde  
- olho para aquilo  
que deixei para ser  
mais tarde,  
sinto vontade de ser agora  
e salvo na playlist.

.  
me recomenda aí uma música nova pr'eu ouvir, vai,  
ou um álbum,  
que sozinha eu ouço -  
mais tarde -  
e danço sem pensar em ser bonita,  
assim sendo,  
mais do que sempre.

.  
sendo bonita pra mim,  
só pra mim.

.  
o grau de leveza da nossa solitude  
é medida importante de saúde.

.  
em que grau anda a leveza da sua solitude?

*calêndula e maracujá*

e o oceano pneumático do pálato

e a Lua, melíflua

e o Sol segurando o horizonte com seus tentáculos

e as trepadeiras, trepando

e o bicarbonato de sódio matando algumas das bactérias residentes dos pêlos das minhas axilas

e as molas do mar caindo em seu próprio estrado, mola atrás de mola, num estrado sem colchão definido

e a força propulsora, propulsionando

e a fotossíntese fotossintetizando o azul do oxigênio e o amarelo dos tentáculos do Sol e vertendo-os em verdes quatorze milhões de jarros

e os gnomos do jardim dançando frevo debaixo de um banco de cimento bem cinza, mas só quando chove no começo da tarde

e os tentáculos do Sol olhando seus próprios reflexos nas gotículas da tarde

e as gotículas da tarde, frevando junto aos gnomos urbanos

e os clips de papel prendendo sinos de metal a fios de luminárias aéreas de polietileno transparente

e os elefantes com seus joelhos de polegar

e as aranhas, rendeiras das quinas

e as baratas, maestras, com seus exoesqueletos e seus três pares de patas articuladas, regendo orquestras de goteiras de garagens de edifícios residenciais da zona oeste

e as estrelas sonhando em tomar um sorvete de maracujá com calêndula

e as coisas maciças sendo, todas, maciças

e as nuvens sendo as digitais do céu, as embarcações da chuva

e eu sendo esse troço intrigante chamado pessoa.

pedidos

paciência,  
estou  
em processo onírico-digestório  
e isto requer  
lubrificação interna.  
um copo  
d'água seria bom.  
coça minhas costas e alcança  
aquele caderno pra mim?  
andei pelas estradas  
de casa e me esquivei  
de uma manada de rinocerontes  
prateados.  
coloca  
as lentilhas de molho e deita  
aqui no meu peito  
por sete minutos  
e meio?

conceito-dúvida IV – fragmento de uma conversa interessante

“num encontro entre duas galáxias  
- será que? -  
elas se unem,  
mas nada dentro delas se toca,

elas apenas cedem-se espaço”

conceito-dúvida V

a concretude do ser-estar  
- dá-se por -  
uma sucessão de fatores líquidos

espuma d'água

olhando o céu, saiba,  
se piscar,  
não é estrela.

a fogueira brincava com  
as silhuetas como fossem  
marionetes.

essa noite,  
sonhei.  
tinha cabelos brancos feito espuma  
de cachoeira.

assim que mergulhei neles,  
minh'alma retornou ao corpo e  
acordei.

a gente tem impressão de que  
alma é troço que fica cá dentro, mas,  
na verdade, fica bem pra fora,  
revoando pelos lados nossos,  
feito abelha em mandarina,

feito as abelhas voassem e as  
mandarinas voassem junto.

daí feito as

abelhas pousassem e as  
mandarinas pousassem junto.

um seis de paus  
é sinal que vem dizer  
de todo o investimento  
de agora: que valerá: será  
visto, reconhecido, frutificado.

a entropia da floresta me  
enfileirou seis paus  
simetricamente, ainda enquanto  
árvores.

os olhos a mim trouxeram  
visão.

com as pernas,  
passei

por entre.

cruzei até  
a cachoeira dos meus cabelos.

eu estava acordada.

### *descer montanhas no escuro*

o quase é o tempero

do resto

e o gozo é um quase que chegou lá

e foi-se

foice.

abismo.

retorno.

o quase

é o tempero do gozo.

prozeador de pássaros – outro fragmento de uma conversa interessante

disse o prozeador de pássaros, que o sabiá é quem mais gosta de lero.

"nossa, que sabiá conversa demais",

ele disse.

eu perguntei

"e o que te contam os sabiás?"

ele me respondeu que

"aí depende.

muito.

eles falam bastante das coisas que estão por vir,

já que eles moram perto do céu, né?, então sabem antes do que parte de lá de cima pr'aqui

pra baixo.

mas, é.

uma coisa que gosto é de ler a sorte a partir dos pássaros e outros bichinhos que cruzam meu caminho."

eu?

"eu só sei falar com nuvens, pedras e árvores.  
quem sabe um dia aprendo a língua dos pássaros."

ele:

"sabe assoviar?"

ah sim,

"sei sim, lindamente, inclusive.  
mas daí a falar a língua dos pássaros...  
tem chão,

aliás,

tem céu."

### *Pleura e Tecido Tegumentar*

O vislumbre da chegada é de se fazer voar por cima dos próprios pés.  
É tarso e metatarsal a fruição de levitar em si e extra-si; falanges em êxtase.  
Asas ungueais suspiram o verter do chão em possibilidade, grão por grão.

A amplitude de estar, fa-nos espiralar labirintos - próprios ouvidos e além.  
Meio da testa cintila.  
Transpassa o próprio ver-de si.

Desapropriar-se-á do "próprio", então: o mundo é um todo e eu o sou: não há umbigo que se valha só.

Todo-metade.

Umbilicalmente nasce-me uma eu tão cheia de mim, que sorveto-me, doce - um mundo com unhas aladas.

Sou qualquer canto quando em mim amo ser-me.

Propriedade apegada é ilusão com base em descoragem:

As trocas movidas a vapor cutâneo e espontaneidade são a desposse da conquista imaterial.

- Verdade-riqueza existida, coleções daí não-ilusórias de belezinhas lúcidas, em que "desposse" significa realmente tê-las guardadas vitaliciamente, crendo em vida pós vida, claro. -

Riso fácil, dançado e prosado na melodia celeste de voar arriba os próprios pés (os quais, agora, fazem-se mundo, pregados de areia, pra entrar na água, pra pregar de areia, pra entrar na água).

Destemer é circular energia vital, prana, chi - rins felizes.

Placidez pulmonar.

Fígado sossegado, baço-pâncreas em plenas faculdades energéticas: apetite equilibrado, sensação de preenchimento interno, distante de qualquer empachamento abdominal.

Asas ungueais.

Uma epiderme em regozijo.

E a medula óssea conscientemente habitando o interior de uma aura em expansão.

### mariposas

mariposas maiores que montanhas definem

meu amor  
nesse exato

segundo

e a velha  
bruxa mais jovem de toda montanha é você

o nome  
da liberdade é quem inspira às poetizas

as mariposas  
só nascem na verdade

mariposas maiores  
que montanhas definem meu amor nesse exato

segundo

(amoreiras descansam mariposas

e gestos descansam verbos,  
sons  
e cálculos.

- tomate é fruta?

- e o que difere as mariposas das borboletas?

- não sei. mas prefiro gostar  
das mariposas.)

Helena: uma força da natureza

um ano e três meses sem teu cafuné.

pras grandezas da vida que lhe cabiam ao meu ser: você me deixou preparada, prontíssima,  
feito um bolo macio que desenforma perfeito.

agora, quanto ao enlace das pequenezas:

seu olhar guardo no peito como um broche, um relicário.

um broche que pinica doído, mas é tão bonito.

um relicário que se aninha entre os seios, mas é difícil de abrir - às vezes a gente quebra a unha  
na tentativa. - melhor guardar em segredo.

...mas, ainda quanto ao enlace das pequenezas:

ficou, sim, uma certa frouxidão.

uma frouxidão rouca de alargar o peito em certos espaços mais livres, tomando, certamente,  
alguns fôlegos ainda mais etéricos;

e tem também uma outra frouxidão,  
que é mais como um linho esgarçado, insistindo para que lhe remendem.  
daí eu teimo em fazer um bordado - como, de certo, você faria.  
pinica outra vez.  
mas fica bonito, pela frente, feito o broche das grandezas.

e, pelo verso, fica até interessante, sabia?!

guardo o verso em segredo, mas um segredo diferente do segredo do relicário: esse, é um  
segredo irresoluto,

e é assim mesmo que eu gosto que ele seja, dando-me sempre uma nova matéria para pinturas  
presentes e futuras: algumas que não mostro e não mostrarei, outras que vou enquadrando ao  
longo dos dias e transformarei, ainda, em uma exposição interativa com seu nome.

molho as tintas com minhas lágrimas  
e pinto teus olhos, aquarelados,  
cinza-esverdeados,  
da forma mais infalível como posso pintá-los em mim:  
nos meus próprios  
olhos.

eu espero que você receba essa carta  
na mesma medida em que espero  
que você já esteja em um estado tão além da matéria,  
que nem se lembre mais das palavras,  
que talvez, por enquanto, nem se lembre mais de mim.  
- até que encontremo-nos de novo, como combinamos no nosso último diálogo com palavras,  
um pouco antes de você pedir pelo sorvete que foi sua última refeição,  
e depois atravessar seu portal no meu colo  
(e no nosso clã),  
levando consigo uns vários pedacinhos de mim.

assim, ponho-me a pensar:

quando encontrarmo-nos de novo,  
talvez eu me veja ainda mais em ti,  
e tu te vejas ainda mais em mim.

e, assim, indubitavelmente:

reconhecer-nos-emos.  
de novo. e de novo.

em outro planeta, quem sabe.

em outra paleta.

em outra placenta.

quem sabe, ainda, em outra galáxia?

em qualquer furor que seja,

meus olhos conterão o mar dos seus olhos.

meu peito, o broche e o relicário das tuas grandezas,

e também o bordado de tantas pequenezas nossas.

nosso sorvete: o meu: três chocolates, café, doce de leite, e bem gelado; o seu, já meio derretido: cremoso, preferencialmente de morango, o menos artificial possível, ou, de repente, um cajá!, uma graviola, um taperebá.

na dúvida: pistache. pra nós duas.

com paçoca por cima, por favor.

se for de madrugada, melhor ainda.

quê será que você levou de mim consigo, através do portal?

## labirinto

a sinfonia dos pássaros no meu labirinto é luz de estrada de depois de amanhã.  
nas minhas clavículas, o mundo é embarcação de metal.  
fruta que amarra, não molha.  
alça de balde da minha costela.  
espuma no copo ocupa espaço.  
a sinfonia dos pássaros ainda há de deixar-me uma pêna ao chão dessa estrada.

## Bicicleta

Você tem olhar de bicicleta.

Eu vi você me olhando.

Endireitou os guidões pra mim.

O torpor do balancinho da sua cabeça

Quando você conta uma história ou

Canta uma música

É tão amarelinho.

É bicicleta cruzando paralelepípedo.

Nosso abraço impreterivelmente

Forrozeia.

(Eu forrozeio,

Tu forrozeias,

Ela - que é você - forrozeia.

Nós forrozeamos:

Que é o mais importante;

Vós forrozeais,

Elas forrozeiam, sim.)

Manias amarelas.

Te abracei, forrozeamos e tinha

Gosto de luz das sete e trinta e cinco

Da manhã transpassando árvore.

Pausa no trabalho pra tomar

Um café

Sem açúcar e te

Pedalar esses escritos.

Sorriso.

Bicicleta amarela com

Cestinha de palha.

[há sinceridade nas ausências]

[é preciso]

falar sobre o direito humano de estar  
indisponível

[é preciso]  
ter o direito de estar  
presente  
só est ando  
[disponível por de ntro]  
é preciso  
olhar pr'as coisinhas  
do chão como fossem  
uni versos  
[à parte]  
é preciso  
ter tempo de olhar ao pró prio corpo enquan to ar te facto  
[é preciso]  
falar sobre o direito humano de  
est ar  
[indisponível]  
é pre cio so  
dançar as coisinhas do chão  
que se grudam  
[ao corpo]  
é im pre ciso  
[um horário para estar]  
a tenta ou  
disponível

quando éramos três

rede com gente balança,  
casa com gente bagunça,  
coração com gente tateia a fronte.  
o vento molda as ideias,  
planetas são fragmentos  
e só se respira porque o instante existe.  
tesouro é tudo aquilo que faz bailar,

nuvens varridas no céu  
prenunciam chuva.  
deglutir  
uma colherada de estrelas  
é não temer nunca mais  
a tempestade.  
toda garganta ocupa um espaço no fundo  
do oceano.  
se tu observas a uma montanha,  
ela igualmente observa a ti.  
e, se tu prestares bastante atenção,  
verás que, em casa de roça, não tem  
tranca: tem truque.  
é preciso pausar  
para aprender com leveza.  
é preciso escrever onomatopeias  
para o som das cascas  
das árvores.  
as pênas  
são as pétalas dos pássaros,  
escamas: asas dos peixes.  
em um segundo de cinza se escondem  
milhões de mundos.  
oferte em teus vasos  
maçãs aos elfos.

*baú dos desejos*

meu baú dos desejos é fruta da estação  
servida em bandeja de prata, descascada no dente, comida com as mãos.

meu baú dos tesouros tem cor de talismã,  
cor imaginária, azul do céu da mochila que carrego em meu coração:

o mais leve possível,  
sazonal,  
colhida do pé dos meus dias.

simples, potente, melada: como toda fruta deve ser.

secreto, sadio, silencioso, como belo baú.

— o quê uma mochila, uma fruta e um baú têm em comum?

### asfalto e ebulição

paredes contracenam, viga  
por viga, com os  
tetos todos.  
todos bordados  
de cal, maçanetas e  
dobradiças de cobre.  
e as placas cuidam  
da sonoplastia dos caminhos  
retilíneos;

muros despertam cedo,  
insones.

janelas medem ruas,  
do mais àcima ao mais abaixo,  
contam as listras das faixas de pedestres  
e as rodas todas dos veículos em transe.

veículos tosem  
e correm  
e se perdem  
e se esbarram,  
parcelados e doloridos  
e cheirando a veículos que são.

o céu boceja, chora,  
canta,  
sorri  
e dói  
e dança  
e caminha  
e transa  
e mora em si.

nuvens, quase  
todas, passeiam aos pares:  
polegares  
da cumbuca do céu.

dentro e ao redor de mim: um baile ininterrupto

("festa doida com gente delirante")

é o meu jeito lua em sagitário de dizer:

tenho me re-conhecido todos os dias,  
em gesto, em gene, em [pós-]genereidade, em luz,  
em cor, em toque, em transe, em transa, em som,  
em vibração, em voz,  
em dor, em direção,  
enquanto canal,  
enquanto descomplicância,  
displicência, ensaio, soco, colo, muco;  
enquanto ser desfacilitado, que  
viaja por multiversos de toda  
questão efêmera,

e a profundidade disso, toda eu nem

sei ainda ou

faço ideia:

mas sei que tá

aqui.

e igualmente sei que

gosto aqui.

andar em sampa é trem de doido,

maquinário incólume.

grafados em mim, meus orixás

protegem-me, guiam

iluminam, dançam

comigo no baile,

delirante e ininterruptamente.)

sou sonoplasta dos caminhos

íngrimes – diferentemente das  
placas todas.

corre-vento

sempre que o vento corre,  
as montanhas rolam por debaixo das nuvens, na  
direção oposta; sempre,  
sempre que o vento

corre.

sorver-se corpo

o corpo fala  
o corpo falo  
o corpo halo  
o corpo ralo  
o corpo invólucro  
o corpo incólume  
o corpo instante.

o corpo pífano  
o corpo casca  
o corpo mosca  
corpo cipó

o corpo casa de botão

o corpo lasca

o corpo gruta

o corpo ? ahn

o corpo uvaia

o corpo verruga

corpo tensão pré menstrual

corpo tatame

corpo triangular.

corpo piano

, agbê e alfaia

, corpo toada

ou corpo tango

, bege, breu,

trompas,

fósseis e

mariposas pretas.

corpo castanho

, articulado,

articolérico,

chão de cimento queimado,

vermífugo, veludo,

onívoro

, um corpo estaiado

tal qual ponte

girando em frente

em vigas firmes  
, mão dupla e cítrica,  
gestando cores  
e esferas - doces e azuis-espuma -  
, secreções, grampeadores de papel e

um furacão e meio

de olhos profundos e um  
membro único  
: todo corpo.

das vírgulas, o corpo seco  
e decantado.

morder os fios desencapados.

caju que amarra no oco.

íngreme

era

o salto

do corpo

no vão

do elevador

panorâmico

do poema que fala

de tudo

manumfaladenada.

[mas o corpo

: o corpo fala]

um corpo novo,  
um corpo quiçá bem chatinho,  
bem inacabado,  
bem solene,  
bem rugido,  
bem fácil,  
bem névoa,  
vapor assustado,  
sussurro lilás,  
nada de novo, na verdade,  
tudo de vento,  
um corpo bem...  
...? corpo perene,  
sabe?  
bem simples, todo mundo  
já viu;  
labirinto, mas dessa vez um  
corpo penugem,  
piramidal,  
corpo bolachinha cream cracker  
com gergelim,  
corpo ladrilho,  
um corpo inédito que já ebuliu      ffffffff,  
corpo farol,  
corpo elétrico  
, corpo cipreste  
e selenitas em riste -  
boia  
o corpo  
na

margem.

corpo pulmão

e a cor do metal

- fina e ríspida -

nadando sem suas boias de braço

(amarelas)

nas trôpegas línguas

dos amantes de primeira esquina.

é.

o corpo

só

sabe

dissolver-se

em outro

corpo.

conceito-dúvida VI

assumir

- significa -

sumir de si  
tudo o que não se é.

### Quando Maiúsculas

Em raiz o Fogo lha é.  
Em antístrofe: tanto quanto Fogo: a Terra.  
Há, pois, algo em dizer respeito  
Ao Súlphur -  
Notável cosmogonia alquímica.

Elementalmente falando,  
Alquimia é transmutar.

Contínua e ininterruptamente,  
t r a n s m u t a r.

Algo sobre magma, aqui fidedigno:  
Em transmutar lho é.  
Tudo aqui sobre o Fogo,  
Elementalmente falando,  
É transmutar.

No confundir-se entre Terra  
E Lava: raíz do cocriar.

Criação primordial -  
Primordial triangulação -;

Toda criação é sobre co-habitar.

Co-habitar do fluído a troca.

Do fluído,

À troca.

De Conatus falou Espinosa.

Criação primordial é Magma -

Abscôndita a sua subserviência

Mediante toda a sua sabedoria:

És tantra postulado poesia.

Raiz: íncola do centro da Terra.

Em confundir-se entre Terra e Fogo,

Sacra espurca vida: cuspida do antro do magma

Vertigina, primordial e diretamente,

Ao diâmetro Terrestre.

Não há, portanto, meio sequer

Através do qual possa-se abnegar

O Súlphur que a esta

Onírico-cablística equação

É-lhe presente,

Onivalente e

Ensimesmado senciente.

Alavanca-se Fogo e Terra

E de ambos obtém-se

Somatória resultante em Súlphur:

Notável é cá o triângulo-cocriação.

Ninfa que evoca Raiz,  
Portanto fa-lo-á, seu signo,  
Sobretudo em Fogo;  
À Terra: prover-lhe-á fundamento  
Em sê-la ela mesma.  
E, em conjunto, ao berço Sulphúrico  
Entoar-lhe-ão o cântico-ninar  
Da (im)pura (in)existência,  
Visto que no emergir à vida,  
Em tese e antítese,  
Consta:  
- Tecer sonho;  
- Propulsionar Torus;  
- Engendrar ritos.

### Auto-Carta Sempre Antiga

O avesso de nós é o mais espontaneamente sublime da arte de dentro.

É final de começo de virar a página.

Não obstante, é aquele agora que produzimos um pouco sem saber: e, depois que o tempo nomeia, olhamos, recebemos, concebemos; agradecemos - aos nós do mais sublime avesso.

Subliminarmente, o espontâneo que reverbera de dentro pra dentro e pra fora de dentro e pra fora de fora.

Sinto-me contextualizando terreneidades do dito Eu-maior - aquele que é de mim pro mundo e do mundo pra mim.

Tropeçando, quando em vez, buscando mesmo tombar no avesso,  
feito dominó ou tatuagem.

Ou feito mangaba, que é fruto que não se colhe: cai do pé caminhando seu próprio tempo de maturação: e a tintura de suas folhas é cura pros percalços digestivos - às vezes (não) ter sido parido é difícil de digerir. Mas a Bahia é linda.

O avesso de mim é igualmente arte - eu juro, mesmo sem carecer de coisalguma jurar.

Ser-me tanto, deve-se ao mundo ser-me em troca: simbiose. O mundo é você que me lê e que não me lê também. O mundo é o mundo e ainda bem que eu não sei bem o que o mundo é.

### praia

você coçou

as minhas costas na praia hoje

e foi melhor

do que muito sexo

com muito homem. (e eu te disse:

- OH . foi melhor do que muito sexo com muito homem.)

### Vida Encarnada

O equilíbrio que te falta que te busca que te acha que te perde. As perdas nos movem mais do que os ganhos. A busca é feita de perdas, não de ganhos. Os ganhos são ilusórios. Aproveita-se a brisa que acaricia a face por saber-se que ela se vai.

Conceber a perda como limpeza. Aval de nova leveza.

Despejorativização da perda.

Não se embala nos braços qualquer sensação de ganho

Sem antes parir - indolor ou não - qualquer sensação de perda.

Geralmente dói, sim. Ruptura dói.

Entretanto, anestesia prolongada enlouquece.

Dor de perda abre espaço

Pr'aqueles dantes desconhecidos rodopios.

A vida em rodopios pássaros.

### cordebrilho

palavra é som que entoa-se à imagem,

palavra é versinho a traduzir sinapse;

palavra é o sonho

que a língua inventa enquanto

dança no céu

da boca.

palavra é o cordebrilho de um

anzol

faiscando nuvem

poente.

Algo de Cinza

—

Superfície.

é

Só o que há

dentro

Quer dizer

algo.

Silêncio cheio

de não-palavra

e gesto-som

Por fora: dentro

quer dizer

algo.

-

E a espera deixa

as nossas mãos

molhadas.

O bocejo

da cuíca

soa como o cheiro

das horas

paradas.

Silêncio cheio de

não: palavra.

### outubro de Madá

eu não sabia o que dizer, ou como dizer, sem soar distante ou estranha, e no meu silêncio só fui ficando mais distante e estranha, eu sei.

precisei de um tempo junto do mar pra juntar meus caquinhos e me reencontrar comigo mesma - pra, dessa forma, conseguir voltar a encontrar as pessoas que fazem parte de mim.

mas isso aqui não é sobre mim, é sobre você:

você é misteriosa, Madá.

menina-mulher-onça.

dá pra falar de ti melhor num poema do que numa mesa de bar.

dá pra te decifrar melhor dançando contigo do que te perguntando "como tá?".

dá pra te fazer rir mais com um olhar silencioso e certo, do que com uma história muito cabulosa sobre algo que aconteceu naquele tal dia.

ver você calçando o chão nos pés com seu anel de dedo sempre me alumiou os olhos.

ver você regando as plantas com o jarro de suco.

e ver você fazendo bolo, então? com as pernas em 4 diante das tigelas e colheres todas.

você é dessas que, quando chega na casa da gente, acende incensos e quebra copos. ajuda a mudar os móveis de lugar, bota fogo no meu edredon e depois me dá um novo.

[na verdade eu usei aquela grana pra comprar outro baralho de Tarot, porque meu antigo - também - mofou naquele ano novo.]

você é

suco de laranja servido em taça de vinho e um caramujo;

uma concha do mar e um sinal de pedestres;

uma entrevista na rodoviária e um sorbet de atemoia.

acho que de alguma forma a gente se decifra.

[sou escancarada, mas também sou crisálida demais, e você sabe tanto disso!

e é por isso que eu me sinto em casa quando você deita no meu colo.]

você tem algo.

a gente tem algo.

que gira mil vezes, muda de cor, dança rápido uma música lenta, cai do teto e quica oito vezes no caminho, se perde dentro de casa e depois se encontra no jardim, fica com gosto de amora mesmo quando não é tempo de amora, se molha de mar e depois se seca com a toalha de mesa, amassa como se fosse uma gangorra, é achado no bolso e serve pra comprar três picolés, e muda de cor de novo, dança até suar muito e come, come todos os sabores que a pele anseia.

conversar é mais difícil, entender é mais fácil.

andar na rua com hora marcada é mais difícil, dançar é mais fácil.

se encontrar na cidade é mais difícil, no mato, mais fácil.

ser adulta é mais difícil, jovem pra sempre, mais fácil.

entender é mais fácil, mas tem coisas que num dia a gente entende de um jeito, e no outro a gente entende de outro-jeito-outro.

a única coisa que eu entendo todo dia igual é que eu nos vejo com mais de sessenta anos sentadas à mesa, tomando um vinho e comendo bruschettas e rindo, rindo, rindo muito, com a maria bethânia recitando ao fundo, e a gente parando de rir e falando shhhhhhhh, volta volta volta, vamo ouvir esse poema, AH, amo, é a coisa mais linda, também amo, volta, volta, AÍ, nessa parte!!!, afffff, deusaaa, mas a gente é BEM deusa também, né?, é, a gente é, sem dúvidas, é, a gente é.

Madá,

lembra de continuar.

te amo e não é pouco.

que ano novo esse seu, hein, benzinho?

mas se tem uma coisa que tá no lugar certo, essa coisa é a sua magia.

essa magia que só você tem.

mistura de libra e escorpião, livro, sopa de abóbora, mandioquinha, vinho tinto, saia longa, ciganas, panteras, girafas, braceletes, ombros, lábios arroxeados, um passeio em silêncio ao redor da casa, um encontro sempre muito, muito, muito, sempre muito.

escalar uma montanha nunca foi tão bom quanto foi com você.

- e então veio a estrela do mar!

te amo.

dia 02 de qualquer mês

palavra só não sustenta

atuar somente não nutre tanto quanto os hormônios vias aéreas superiores e corações e púbis  
e vulvas e pênis

pedem crepitam sussurram cintilam .

fala, canta, me diz, medita

e cuida

e dança junto

ebó de amor, vou te dizer

que o àşę que o dengo tem

é magia pronta

- ai, mas não brota sozinha, não,

é fala, canto, cuidado e dança

espaço, resposta, breguice, afirmação

e é regar um pé de amor todo fim de tarde

casa limpa

chão limpo

confiança

janela limpa pros tucanos papagaios pardais sabiás

se enxergarem e verem através

do quente do breu branco na salamandra

do fresco do vaso de eucalipto

de saber que mês de poda não tem r no nome

- maio, junho, julho, agosto, só -

do agridoce do cobertor lilás

do salgado da macumba que a gente escuta pra acordar

da caipirinha pra lavar a louça

dos cabides e pernas listradas que a gente compartilha

dos buraquinhos que a gente costura

pro ar passar melhor

do machado na lenha que a gente catou no caminho

- vigia, pra ver se não vem ninguém enquanto arrio essa oferenda

próxima década

que a gente crie crianças

corajosas

que a gente crie crianças como iguais

entre si

e perante a nós

que a inteligência das crianças seja ouvida

e aplicada

que a gente saiba ser criança hoje

e as crianças sejam

crianças por mais

tempo

Lince-olhar

(dos escritos dos quinze anos)

Eu então observei-a

ao equilibrar-se à janela como verdadeiro gato fosse ela.

- Ou talvez algum felino outro.

Como um lince, por exemplo.

Os linces são os felinos mais peculiares de todos. -

A fumaça despregava-se sinuosamente prateada de seus lábios.  
As estrelas costuradas ao céu tal qual especiarias ao balcão da feira.

Pregadas feito botões vários,  
uma a uma – estrelas –, na camisa que veste os limites circundos da Terra.

Ela terminou, olhou, arremessou longe o que sobrara entre seus dedos e no interior da  
cumbuquinha de cerâmica que ela usava de cinzeiro.

Algumas cinzas não se desprenderam: tilintavam silenciosamente fétidas ao fundo da  
cumbuca: posicionou-a num ângulo semi-contrário à sua face, com um pedacinho de borda  
junto à boca, mirando o mato sonoro e escuro lá de fora.

Assoprou.

Um recocheteio de cinzas estralou em seus olhos.

Opa.

A cumbuca era côncava e ela certamente faltara às aulas de física.  
Ela não era boa em limpar cumbucas assim como era boa na arte de equilibrar-se em janelas  
de parapeitos estreitos.

Riu-se

com os ombros amolecidos de si.

{ "O sofrimento corpóreo carrega consigo toneladas de ensinamentos e entrega-os, solícito, à  
mente e à alma.

E eu já nem sinto mais o peso da minha consciência" - ela pensou. }

Sorriu

com as maçãs do rosto mais doces e penugeadas do que sempre.

Desse sorriso brotaram bigodes.

Esfregou os olhos caramelados com o curvado dos punhos de caracol.  
Abanou os cílios algumas vezes, em sequência,

em rapidíssimos beijos de pálpebras.

- Há quem chamasse isso de "pisca freneticamente".

Mas ela é interessante demais pr'eu dizer que ela "pisca freneticamente".

Na verdade,

tudo nela é um beijo. -

Ajeitou o cabelo com um serelepear de dedos.

Ele ainda estava úmido e eu podia notar, de longe. Pelo modo como seus dedos correram mais rápido que o normal por entre os fios.

Num salto leve pluma, voltou-se ao interior amarelo e amornado da casa:

apoiou-se, inteira, sobre as mãos espalmadas à perpendicularidade do parapeito;  
ergueu-se em cotovelos dançantes e firmes, alegres, rijos, maciços;  
tocou levemente o balcão da pia com o dedão do pé esquerdo, deixando o resto do corpo a sobrevoar o mundo;  
lançou o tronco à frente,

alcançando o chão de azulejos com o pé direito esticado, espalmado, plantado, enraizado,  
deveras carinhoso ao piso.

Aqueles azulejos eram meio feios, meio beges, meio marrons, meio ocre, meio cinzas, meio brancos, meio azuis, meio feios.

Disfarçavam os respingos de molho e mostarda e os restos de casca de cebola que pendiam baixo ao chão.

Tínhamos de varrer a cozinha com consideravelmente menos frequência, portanto.

Eu podia notar de longe a agudeza de seus joelhos lépidos.

E podia, ainda mais, notar a umidade de seu cabelo crespo.

Planou pela cozinha

e sumiu.

Os lincos são os felinos mais peculiares de todos.